2. Construindo um objeto de estudo

2.1 Levantando questões: senso comum e pesquisas acadêmicas

Perguntar e responder são atributos do ser humano. Perguntar é buscar sentido, investigar e procurar esclarecimentos[1]. O ato de perguntar é ousado, contém desafios e provocações. Quando formulamos questões colocamos em cheque convicções e idéias, criando um impulso que nos põe em movimento. Assim inicio este trabalho, retomando perguntas que continuam desafiando aqueles que se dedicam ao estudo da relação entre família e escola - par indissociável na socialização das novas gerações. Como afirma Bourdieu (2010), a família e a escola funcionam de modo inseparável, como dois lugares em que se constituem, pelo próprio uso, as competências julgadas como necessárias em um momento dado do tempo.

Considerando que cada um de nós tem sua própria experiência enquanto membro de uma família e vivenciou algum tipo de escolarização, o estudo da relação família-escola corre o risco de tornar-se marcado pelo lugar comum, reafirmando aquilo que já é conhecido. Tomar este objeto para estudo exige um esforço de estranhamento que permita uma abordagem verdadeiramente questionadora sobre o tema. Sem desconsiderar o saber pessoal, oriundo dos conhecimentos construídos na experiência vivida, procuro no presente trabalho estruturar uma abordagem científica da realidade social investigada, buscando enxergar o que ainda não se vê.

Entendo que as preocupações, anseios e temores explicitados na mídia, direcionada ao público em geral podem e devem ser também considerados quando nos dedicamos a levantar as questões relativas a um objeto de estudo. Ao longo de um ano acompanhei as matérias publicadas sobre famílias e escolas, constatando que este tema é frequentemente debatido no âmbito do senso comum. Identifiquei diferentes aspectos desta relação em 74 matérias publicadas entre 2009 e 2010, em um jornal e uma revista semanal, considerados veículos de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro, reconhecidos como formadores de opinião.

A coleta de notícias veiculadas na mídia foi uma das formas que utilizei para identificar as novas (e antigas) questões que hoje se colocam no debate sobre o

[1] O Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa apresenta cinco outros significados para a palavra ‘perguntar’ além dos três aqui indicados.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

tema. Analisando a coleção das matérias selecionadas, encontrei a recorrência de temáticas que giravam em torno de três eixos centrais: escolha de escola, envolvimento dos pais no processo de escolarização dos filhos e dificuldades no diálogo entre família e escola, indicando que estas preocupações estão presentes no cotidiano das famílias cariocas. No Anexo 1 apresento alguns recortes de notícias que ilustram as temáticas encontradas nos veículos de comunicação. Vale destacar que frequentemente as notícias estabeleciam comparações com outros estados do Brasil, indicando que os desafios que enfrentamos não estão restritos a nossa cidade. Em algumas matérias apareceram referências a outros países, e nestes casos as pautas apontaram sempre situações mais favoráveis e com melhores resultados a favor dos outros. Para além das temáticas debatidas, o aspecto que mais se destacou, na abordagem sobre a relação família – escola adotada pela mídia, foi a busca por identificar culpados, o que por vezes acabou por cristalizar visões sobre cada um dos agentes, desdobrando-se em interpretações e generalizações que se polarizaram, perdendo de vista a possibilidade de ações conjuntas. Coloca-se aqui a questão da possibilidade (ou impossibilidade) de interação entre estes dois agentes que partilham a responsabilidade pela educação das crianças e adolescentes. A análise preliminar que desenvolvi sobre o conjunto de notícias, em diálogo com parte do material produzido pelo *survey* SOCED, apontou para a desmistificação da falta de empenho das famílias populares na escolha da escola e no acompanhamento da escolarização da prole, revelando que o diálogo com a escola é valorizado pelos pais. A aliança entre famílias e escolas apareceu como marca distintiva das boas escolas, apontando para possibilidades de interação em prol da aprendizagem dos alunos (Canedo, 2011) [2].

Para aprofundar a reflexão sobre os aspectos identificados nas matérias publicadas na mídia, retomei alguns dos achados da pesquisa, que realizei no mestrado junto aos pais de alunos de uma escola pública municipal, que me forneceram pistas para o presente trabalho. As questões relativas à escolha de escola apareceram de forma marcante, indicando que a maioria das famílias, embora restrita à utilização da rede pública, não deixava de exercer seu direito de

[2] Trabalho apresentado na 34ª Reunião Anual da ANPEd 2011, no GT de Sociologia da Educação com o título “Famílias e Escolas: uma relação em transformação frente aos desafios da sociedade contemporânea”.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

escolha de escola. Apoiando-se principalmente nas redes de parentes e amigos, os responsáveis entrevistados explicaram como conseguiam obter informações úteis sobre a qualidade do ensino oferecido em cada unidade escolar, possibilitando que acionassem diferentes estratégias para que os filhos fossem encaminhados às melhores escolas. Na percepção dos responsáveis, a avaliação de qualidade da escola se traduzia em quatro aspectos preponderantes: professores que não faltam, organização interna, respeito ao aluno e diretores atuantes. Um dos achados da referida pesquisa junto aos pais foi a importância atribuída à gestão escolar que, em suas múltiplas responsabilidades, desempenha um papel relevante, tanto na organização da escola quanto na alocação dos professores e na relação com os alunos, corroborando a perspectiva de que a liderança escolar tem fortes implicações na qualidade da escola. O papel que cabe aos gestores aparece nas pesquisas sobre escolas eficazes que identificam onze fatores-chave comuns a estas escolas, destacando entre eles a liderança firme e objetiva do diretor (Sammons, 2008). A literatura sobre o tema deixa claro que não há uma melhor forma de administração, mas sim diretores que, sensíveis ao contexto escolar em que atuam são pró-ativos, participam dos processos de ensino e aprendizagem e compartilham responsabilidades, promovendo uma cultura colaborativa na escola.

Quanto ao envolvimento na escolarização dos filhos, as entrevistas indicaram interesse, participação e iniciativa por parte da maioria dos pais que explicitaram diferentes formas de atuação na condução do processo de educação dos filhos, através de ações como: conversar, aconselhar, ensinar/tirar dúvidas, orientar, verificar os deveres, perguntar sobre as provas, “ficar em cima”, “empurrar”, comparecer às reuniões de pais, mandar estudar, olhar o boletim escolar, ir à escola e conversar com os professores.

O diálogo com a escola também apareceu com destaque na fala dos pais entrevistados, que explicitaram a importância da parceria e o desejo de conhecer de perto o ambiente escolar, em seus vários aspectos - instalações, funcionamento, recursos e forma de atuação de professores e diretores. Contrariando a idéia, amplamente difundida, de que as famílias “delegam tudo à escola”, os responsáveis ouvidos revelaram uma forte disposição para assumir uma postura menos passiva em relação à escolarização dos filhos. Ressaltaram entretanto que, por vezes, ao tomarem iniciativas, como ver a sala onde o filho estuda, foram surpreendidos por uma acolhida “pouco interessada e pouco disponível” ou

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

mesmo foram bloqueados por funcionários da escola. Na visão dos pais, a escola se mostrou pouco disposta a abrir mão de sua posição autoritária na relação com as famílias (Canedo, 2007). Concordando com Freire (1993) quando afirma que "quanto mais o indivíduo for levado a refletir e intervir no espaço onde se insere, mais terá compromisso com a construção da sua realidade, deixando de ser espectador para tornar-se sujeito", cabe questionar até que ponto uma escola pouco aberta às iniciativas dos pais, pode estar incentivando a participação. Se tanto a escola quanto as famílias se dizem favoráveis e disponíveis a uma maior aproximação, porque o discurso manifesto não parece se traduzir em ações visíveis no cotidiano escolar? A parceria seria mais uma forma de "desresponsabilização" por parte da escola ou de "delegação da educação dos filhos" por parte dos responsáveis?

Além destas questões mobilizadoras, originadas a partir da exploração qualitativa que realizei no mestrado, busquei os artigos publicados sobre o tema nos principais periódicos no campo da educação, bem como os trabalhos apresentados em congressos e as teses e dissertações. Encontrei mais de 200 títulos abordando diferentes aspectos da relação família-escola, publicados ao longo dos últimos dez anos. A frequência e a diversidade de questões que aparecem nos trabalhos são indicadores que corroboram a relevância do tema e a importância de novas pesquisas. O mapeamento dos trabalhos recentes não só trouxe contribuições para aprofundar a reflexão sobre as três temáticas já identificadas, reafirmando a sua pertinência, como me apontou mais um eixo de pesquisa relacionado à mobilização dos responsáveis para participação em reuniões de pais ou em instâncias associativas nas escolas, que incorporei à minha investigação. A partir da leitura dos resumos, selecionei um subconjunto de 30 trabalhos[3] onde identifiquei questões que, a meu ver, poderiam ser articuladas com a minha proposta de pesquisa. As transformações da família e da escola frente aos desafios da sociedade contemporânea, a relevância dos fatores sociais nas expectativas sobre a trajetória escolar, as relações de poder intra-familiares e entre famílias e escola, a mediação de novos agentes socializadores e a "circularidade virtuosa" - potencial das escolas de maior prestígio para atrair alunos mais capacitados que acabam reforçando a posição de sucesso das escolas -

[3] No Anexo 2 apresento o subconjunto dos 30 trabalhos publicados que resultaram da minha revisão bibliográfica.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

foram questões que motivaram a minha escolha de artigos. Os trabalhos deste subconjunto foram lidos integralmente, constituindo-se como meus interlocutores ao longo da reflexão que desenvolvi, fornecendo argumentos sustentadores e questões a discutir.

O que me propus a realizar não foi a descrição do estado da arte sobre a relação família-escola, mas sim o levantamento de achados de pesquisa que me apontassem questões. A análise do patrimônio teórico já produzido sobre o tema foi meu ponto de partida para o trabalho de campo.

2.2 - Formulando hipóteses

A escolha do título para o presente trabalho pretende sinalizar o dilema central que formulei, explicitado nas cinco questões que apresento a seguir.

Em uma sociedade onde a individualidade se destaca como valor, famílias e escolas podem responder separadamente pelo resultado da educação das novas gerações ou devem interagir para ampliar as possibilidades de sucesso no processo de escolarização das crianças?

A palavra “solitário” refere-se ao estado daquele que se encontra desacompanhado, enquanto “solidário” pode ser definido como laços ou vínculos recíprocos que se estabelece entre aqueles que apóiam uma causa. Observando as duas palavras percebe-se que a troca de apenas uma letra modifica inteiramente o significado. Minha opção por utilizá-las aqui tem como objetivo chamar a atenção para a hipótese, formulada a partir de minha trajetória de trabalho, de que pequenas ações desenvolvidas no agitado cotidiano escolar podem ser responsáveis pela construção de relações cooperativas significativas entre os agentes escolares e as famílias dos alunos. Na construção da parceria entre famílias e escolas são pequenas diferenças que respondem pelo êxito da interação?

Investigando escolas públicas municipais e colégios privados, reconhecidos pela qualidade de ensino oferecido, parto da hipótese de que independentemente do pertencimento à rede pública ou privada, as instituições onde os alunos alcançam bom desempenho acadêmico apresentam indicações de boas relações com as famílias dos alunos. Interações bem sucedidas das famílias com a escola podem ser consideradas como marca de distinção das boas escolas?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

Frente às diferenças sócio-culturais que caracterizam as famílias dos alunos que chegam à rede pública e aos colégios privados, até que ponto a interação com a escola pode ampliar recursos e possibilidades de famílias populares, contribuindo para o enfrentamento das desigualdades de origem?

Na imbricação dos estudos sobre relação família-escola e gestão escolar levanto também a hipótese de que a direção da escola desempenha um papel significativo na construção da parceria com as famílias dos alunos, ampliando possibilidades de diálogo e criando espaços de interação. Para além da preocupação em identificar características pessoais dos diretores e as especificidades de cada instituição de ensino, seria possível destacar aspectos comuns da gestão escolar que contribuem de forma preponderante para o êxito das interações entre os agentes, especialmente com as famílias dos alunos?

Com muitas questões levantadas e as hipóteses iniciais formuladas, chegou o momento de definir o desenho da pesquisa, estabelecendo o recorte empírico e as estratégias metodológicas a serem adotadas em busca de respostas. Estou certa de que, apesar do intenso trabalho de campo desenvolvido não será possível esgotar os meandros desta relação tão complexa que se desenvolve entre os dois principais agentes socializadores das novas gerações. Acredito entretanto, que os achados que resultaram da investigação que realizei, quando partilhados com outros pesquisadores, podem suscitar novas questões, contribuindo para o processo permanente de busca, que caracteriza a pesquisa científica. Colocar dúvidas nas aparentes certezas é o que permite introduzir novos referenciais ou mesmo renovar sentidos, alargando conhecimentos. O impulso que me move é o de procurar responder a tudo, mas tenho clareza da necessidade de fazer escolhas que, definindo um caminho a seguir, implicam em deixar de lado uma série de outras possibilidades.

2.3 Enfrentando escolhas no recorte empírico e nas estratégias de pesquisa

Tomando como objetivo principal analisar as interações entre duas instituições – escola e família, procurei identificar a forma como se combinam (ou não) as estratégias de cada uma destas instâncias em direção à construção da qualidade da escolarização. Para além das ações desenvolvidas por cada um dos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

agentes, foram as imbricações destas que pretendi priorizar, identificando seus desdobramentos na qualidade de ensino.

Focalizei inicialmente o conjunto formado por oito instituições de ensino - quatro escolas públicas municipais e quatro colégios privados[4], reconhecidos pelos bons resultados alcançados pelos alunos nas avaliações nacionais, investigados pelo *survey* SOCED. Participando por mais de quatro anos deste grupo de pesquisa, que estuda a produção da qualidade de ensino nas escolas do Rio de Janeiro [5], tive a oportunidade de vivenciar o *survey* desde o início de sua preparação. Em 2008, quando ingressei, o grupo já analisava práticas institucionais que articulam os agentes na produção do sucesso na aprendizagem dos alunos. Visando ampliar os estudos que vinham sendo desenvolvidos em colégios privados e nas escolas públicas federais, o novo *survey* incluía escolas públicas integrantes da rede municipal de ensino, o que permitiria analisar as condições e práticas adotadas neste subsistema específico. As quatro escolas públicas municipais foram selecionadas a partir dos resultados alcançados pelos alunos na Prova Brasil[6], enquanto para os colégios privados foram utilizados os resultados no ENEM[7]. O processo de seleção das instituições de ensino para integrar a amostra adotou como critérios básicos: oferecimento do ensino fundamental completo, número de alunos matriculados igual ou superior a 800 e mínimo três turmas de 9º ano. O nível sócio-econômico - NSE das famílias atendidas e a localização da escola na cidade foram também considerados para escolha das escolas, dentro do conjunto daquelas que atenderam aos requisitos iniciais, visando a construção de uma amostra que contemplasse uma maior

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

[4] No subconjunto dos colégios privados, um deles funciona em duas unidades.

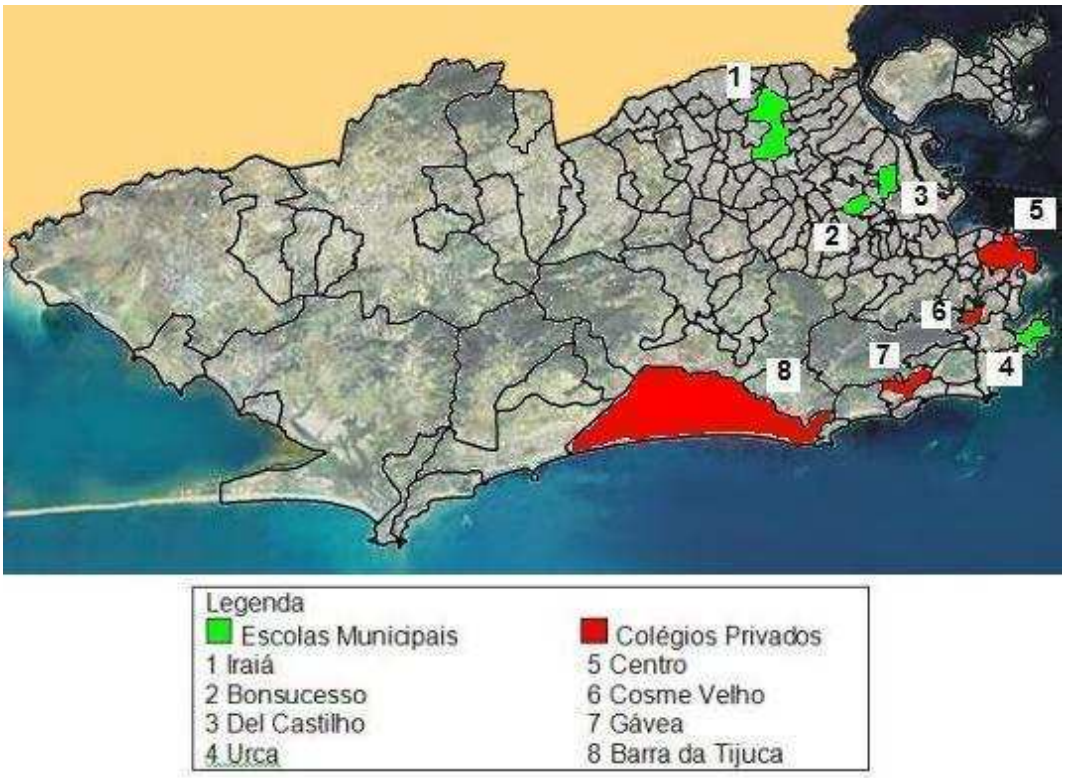
[5] O SOCED – Grupo de Pesquisa em Sociologia da Educação vem estudando há mais de uma década os fatores que interagem na produção da qualidade de ensino em escolas de prestígio na cidade do Rio de Janeiro, articulando abordagens quantitativas e qualitativas. Inicialmente o grupo investigou a escolarização dos filhos das elites acadêmicas. Num segundo movimento pesquisou nove escolas de diferentes tipos (confessional, pública federal, alternativa e bilíngüe) consideradas entre as melhores da cidade, identificando as principais características da clientela atendida e as práticas pedagógico-administrativas que contribuíam para consolidar a imagem de qualidade. Mais detalhes em www.soced.pro.br.

[6] A Prova Brasil, criada pelo INEP em 2005 é realizada a cada dois anos nas escolas públicas urbanas avaliando todos os alunos de 5º e 9º ano, fornecendo resultados por escola.

[7] ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio é uma das formas de acesso dos alunos que concluíram o ensino médio à instituições públicas de ensino superior. Embora o exame não vise a avaliação das escolas, os resultados dos alunos são apresentados pela mídia na forma de ranking das escolas.

diversidade[8]. O Mapa, a seguir, mostra a localização das escolas na cidade do Rio de Janeiro e o nível socioeconômico - NSE da clientela nas instituições de ensino que fizeram parte do conjunto investigado pelo *survey* SOCED.

MAPA Instituições de Ensino Pesquisadas



No Quadro 1 apresento o nível socioeconômico - NSE das famílias usuárias de cada um dos estabelecimentos de ensino, calculado[9] a partir das respostas fornecidas pelos pais dos alunos.

[8] Ver trabalho de Paes de Carvalho, Lamego & Mandelert (2011) a respeito dos critérios de seleção das escolas integrantes da amostra.
[9] Conforme Critério de Classificação Econômica Brasil da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

QUADRO 1 Nível Socioeconômico das Famílias/ Escola

NSE das Famílias (%)			
Escolas Municipais	**Baixo**	**Médio**	**Alto**
EM 1	76,6	18,9	4,5
EM 2	85,2	10,2	4,6
EM 3	77,2	15,2	7,6
EM 4	63,6	35,1	1,3
Colégios Privados	**Baixo**	**Médio**	**Alto**
CP 5	0,0	96,3	3,7
CP 6	2,1	95,8	2,1
CP 7	2,3	91,9	5,8
CP 8	0,0	93,4	6,6

Para elaboração dos instrumentos de pesquisa a serem utilizados no *survey* foram inicialmente definidos os conceitos teóricos norteadores da investigação que em seguida foram classificados como observáveis ou latentes e a seguir expressos nas variáveis a serem pesquisadas. Estas variáveis foram operacionalizadas em perguntas, agrupadas em blocos. Questões sobre as práticas pedagógicas escolares e familiares e o perfil dos alunos, das famílias e dos professores visavam, entre outros objetivos, levantar hipóteses sobre a relação que se estabelece entre a família e a escola.

Nas oito escolas, o *survey* foi respondido por 1.183 alunos, 961 pais e 221 professores, o que representou um percentual expressivo de retorno em relação ao universo previsto, tanto por parte dos colégios privados quanto das escolas municipais, conforme pode ser observado no Quadro 2.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

QUADRO 2 Questionários Respondidos

Questionário	Escolas Municipais	Colégios Privados	Total	% de retorno
Alunos	530	653	1.183	91
Pais	466	495	961	78
Professores	89	132	221	62

Fonte: *Survey* SOCED

A investigação foi direcionada aos alunos que estavam cursando o nono ano – última série do ensino fundamental, considerando que neste momento os estudantes e seus responsáveis já tiveram a oportunidade de vivenciar uma trajetória extensa em termos de relacionamento com a escola, consolidada em uma significativa experiência escolar. Segundo Bourdieu (2010), a longa permanência do aluno em uma determinada escola favorece a incorporação de disposições *(habitus*) que se tornam enraizados, marcando toda a futura relação do aluno com o processo de escolarização.

A validação dos instrumentos de pesquisa foi realizada a partir de um pré-teste, que orientou a revisão da linguagem empregada na proposição de cada questão, visando uma construção simples e clara que permitisse utilizar os questionários em uma única versão, tanto para as escolas públicas quanto para as privadas. O total de questões abordadas nos questionários aparece no Quadro 3.

QUADRO 3 Estrutura dos Questionários

Questionário	Blocos	Questões
Alunos	8	173
Pais	6	105
Professores	5	170

Fonte: *Survey* SOCED

Foi principalmente sobre o questionário dos pais[10] que me detive no presente trabalho, focalizando as respostas relativas aos seis conceitos apresentados no Quadro 4. Algumas respostas dos questionários dos alunos e dos professores foram agregadas para estabelecer conexões com as afirmativas dos pais.

[10] Ver Questionário dos Pais completo em Anexo 3.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

QUADRO 4 Conceitos no Questionário dos Pais

Conceito	**Especificação**	**Operacionalização no Questionário - Bloco e Pergunta**
Estrutura familiar	Relação de parentesco	Bloco 1 P1
	Estado civil	Bloco 1 P2
Escolha da escola dos filhos	Fatores importantes para escolha da escola	Bloco 2 P1 a 15
	Fontes de informação para a escolha da escola	Bloco 2 P16
	Expectativas sobre a escola	Bloco 2 P17 a 27
Envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos	Envolvimento na vida escolar	Bloco 3 P1 a 9
	Presença dos pais na escola	Bloco 3 P10 a 14
	Motivos que mobilizam a ida dos pais à escola	Bloco 3 P17
	Freqüência com que o filho estuda em casa	Bloco 3 P19
	Notas do filho na escola	Bloco 3 P23
	Reprovação do filho	Bloco 3 P30
Diálogo com a escola	Recepção da escola em relação à solicitações dos pais	Bloco 3 P16
	Reação aos resultados escolares ruins	Bloco 3 P24 a 29
Caracterização sócio-econômica da família	Escolaridade dos pais	Bloco 4 P1
	Situação de trabalho e ocupação principal	Bloco 4 P10 a 12
	Renda mensal	Bloco 5 P13
Participação dos pais na escola	Representação de pais na escola	Bloco 6 P1
	Associação de Pais	Bloco 6 P2
	Conselho escolar	Bloco 6 P4 e 5

Fonte: *Survey* SOCED

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

A análise que desenvolvi sobre os resultados dos subconjuntos formados pelas escolas municipais e colégios privados foi baseada na perspectiva das homologias[11] que possibilita a investigação de correspondências estruturais e funcionais entre os dois subsistemas de ensino fundamental.

Como afirma Elias (1994), "a formação das identidades pressupõe contrastes", de forma que as singularidades que emergem da análise de cada subconjunto – público e privado favorecem a compreensão da identidade institucional de cada um deles.

Para cada escola foi coletado um conjunto de informações, reunidas no dossiê da instituição de ensino, formando uma moldura que permitiu contextualizar os resultados do *survey*. Para as escolas públicas foi feito um levantamento preliminar através da Secretaria Municipal de Educação - SME enquanto que para os colégios privados foram utilizadas as informações disponíveis nos respectivos *sites*. Já na primeira aproximação foi possível registrar uma diferença significativa entre os subconjuntos público e privado em relação à possibilidade de acesso a informações sobre as unidades de ensino, indicando grande vantagem para os colégios privados, o que facilita em muito a escolha das famílias que se dirigem a este segmento. Nas visitas, para apresentação da pesquisa e definição da aplicação dos questionários foram realizadas as primeiras entrevistas com diretores e coordenadores pedagógicos, dando-se início aos registros no caderno de campo de cada escola.

A aplicação dos questionários aos alunos foi realizada nas próprias instituições de ensino, em horário previamente estabelecido, na presença de dois pesquisadores, geralmente acompanhados pelo professor da turma ou por um membro da equipe gestora, permitindo um primeiro contato direto com estes agentes escolares. O questionário dos pais, acompanhado de uma carta de apresentação da pesquisa foi encaminhado através dos alunos e devolvido por eles, em envelope lacrado, repassado pela escola à equipe de pesquisa. Na carta enviada aos responsáveis foi oferecida a possibilidade de participar de uma entrevista pessoal, agendada por telefone ou e-mail, o que resultou em pouquíssimos contatos em ambos os subconjuntos. Os professores foram

[11] O conceito de homologia, originário da biologia é essencialmente comparativo, sendo utilizado para os estudos das correspondências no tipo de estrutura existente entre partes ou órgãos de diferentes organismos. Consulta em 28/11/2012 a www.scb.org.br/artigos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

convidados a responder a pesquisa na escola, porém boa parte deles preferiu levar o questionário e devolvê-lo posteriormente, o que resultou no menor percentual de retorno (62%) entre os três segmentos pesquisados.

O registro das reações e comentários dos alunos e professores, durante a aplicação do *survey* apontou possibilidades de interpretação dos dados que foram retomadas nos contatos posteriores, permitindo uma leitura mais completa dos resultados quantitativos obtidos. Como afirma Xavier (2012):

> A análise das reações e atuações dos atores escolares no momento de aplicação dos questionários é considerada como possibilidade para a interpretação da diversidade de características materiais, das disposições e ações individuais, fundamentais para a leitura dos dados quantitativos para além das explanações estatísticas.

A questão sobre o estado civil do responsável, por exemplo, foi uma que mobilizou muitas perguntas dos alunos, sinalizando a hipótese de que nem todos os arranjos familiares estavam contemplados nas opções de resposta oferecidas[12].

À medida que os questionários foram sendo devolvidos, o software Sphinx 5.0 foi utilizado para a construção do banco de dados e posteriormente para as análises estatísticas e elaboração de gráficos.

A segunda etapa da minha investigação foi a realização de entrevistas com os responsáveis pelos alunos e com os gestores escolares, em duas unidades de ensino, escolhidas entre aquelas que integraram a amostra do *survey* SOCED. Minha opção levou em conta a proximidade de localização das duas unidades na cidade, o nível socioeconômico das famílias, a participação das famílias nas associações e conselhos escolares, indicada pelos gestores nos contatos iniciais e a disponibilidade das escolas para receber esta etapa da pesquisa.

Utilizei também como critério para identificar as duas instituições, aquelas em que as famílias mais enfatizaram o diálogo com a escola como fator relevante para escolha do estabelecimento de ensino, conforme Quadro 5:

[12] As opções de resposta eram: solteiro, casado, divorciado ou separado, viúvo e outro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

QUADRO 5 Importância do diálogo com a escola

Você considera muito importante a escola ser aberta ao diálogo com os pais?							
Escolas Municipais (%)				**Colégios Privados (%)**			
EM1	EM2	EM3	**EM4**	CP5	**CP6**	CP7	CP8
90	91	90	99	77	95	92	60

Fonte: *Survey* SOCED

Desenvolvi minha pesquisa empírica com a proposta de "aproximação das lentes", utilizando os resultados do *survey* para dialogar com as respostas obtidas nas entrevistas - de caráter mais etnográfico, o que me permitiu articular as perspectivas macro e micro.

A investigação nas duas unidades de ensino incluiu desde a contextualização na região onde a escola se localiza até o detalhamento das interações entre os agentes educacionais, especialmente aquelas que se estabelecem entre a equipe gestora e as famílias dos alunos.

Embora ciente que cada estabelecimento de ensino possui peculiaridades e certo grau de autonomia, entendo que as unidades de ensino guardam certa identidade sócio-cultural com a lógica da escola-instituição, em relação ao subsistema no qual se inserem. Por isso optei por desenvolver minha investigação em uma escola pública integrante da rede municipal de ensino e um colégio privado.

Observando os dois subgrupos formados pelas escolas públicas e colégios privados, constatei que enquanto as primeiras se autodenominam como "escolas", todas as privadas pesquisadas – com uma única exceção se apresentam como "colégios". É curioso notar que há clara preferência por um ou outro termo de acordo com o sistema ao qual a instituição pertence. Se o dicionário apresenta como sinônimos as palavras "escola" e "colégio", a etimologia das palavras[13] nos revela diferenças. Escola, palavra originária do latim *schola* e do grego *skholé* significa "discussão" ou "conferência" e seu sentido original era "folga" ou "descanso", trazendo a noção de que a conversa desenvolvida nestes momentos é útil em termos de aprendizagem. Já a palavra colégio, do latim *collegium* indica

[13] Consulta a http://origemdapalavra.com.br, em 17/06/2012.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

"associação", "comunidade" ou "sociedade". Formada pelo prefixo "com" que significa "junto" e a raiz "legere" que significa "escolher" indica a presença de uma opção pela realização do processo de aprendizagem dentro de uma determinada comunidade. Passo assim a me referir às duas unidades de ensino pesquisadas como: Escola Municipal – EM e Colégio Privado – CP.

As entrevistas foram realizadas com a presença de dois entrevistadores[14], ao longo de um ano, na modalidade de entrevista reflexiva (Szymanski, 2008), onde a compreensão sobre a fala do entrevistado é continuamente compartilhada com ele, fazendo da entrevista uma oportunidade de organização de idéias e aprofundamento de reflexões para o próprio entrevistado. Utilizei dois roteiros de perguntas[15], previamente elaborados com o objetivo de servir como fio condutor para o encaminhamento da conversa. Diversas vezes as questões previstas foram sendo respondidas pelos entrevistados no encadeamento de suas próprias idéias, sem que fosse necessário formular todas as perguntas. No contato inicial cada entrevistado foi informado do objetivo da pesquisa e do caráter confidencial da pessoa do respondente. Foi explicitamente solicitada permissão para gravação. Com todos os entrevistados o diálogo fluiu, estabelecendo-se um clima favorável à livre expressão, em atitude de respeito às colocações feitas, sendo as falas acolhidas sem restrições ou conotações de valor. Iniciei cada entrevista, levantando informações gerais sobre o respondente. A seguir, propus questões que procuravam encaminhar a reflexão para aspectos relacionados às expectativas da família sobre a escola, motivos que influenciaram na escolha da escola, trajetória escolar do aluno, formas de acompanhamento da escolarização e mobilização frente a problemas encontrados no cotidiano escolar. Abordei também aspectos positivos e negativos da instituição, na percepção dos responsáveis e as relações da família com a escola, nos encontros espontâneos ou programados, além da participação dos pais nas associações e conselhos escolares. Nas entrevistas, procurei ampliar a apreensão do conteúdo verbal, ouvindo para além das palavras, as lacunas, os gestos e as posturas dos interlocutores, observando a expressão como um todo, que inclui tanto o verbal quanto o não verbal. Com base na afirmativa de Bourdieu (2008) de que a fala é expressão capaz de revelar os

[14]Contei com a colaboração da doutoranda Alice Xavier, nas entrevistas com os pais e posteriormente participei das entrevistas com os alunos, investigando O *habitus* escolar na construção da qualidade do ensino, cooperando com a pesquisa da colega.

[15] Anexos 4a e 4b Roteiro de Entrevista com Família e Roteiro de Entrevista com Gestor.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

sistemas de valores, as normas e os símbolos de um determinado grupo, procurei identificar nos discursos dos entrevistados as disposições sociais efetivas, buscando indícios que permitissem reconstruir a realidade social descrita. Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e editadas de forma a obter um registro textual completo, acrescido das observações sobre o contexto em que foram realizadas bem como das anotações sobre gestos e expressões do entrevistado, que pudessem contribuir para ampliar a compreensão de suas colocações. Elaborei a seguir o retrato sociológico[16] de cada entrevistado, o que me permitiu destacar os traços e características mais relevantes em relação às questões abordadas e, ao mesmo tempo registrar a forma como estes aspectos se combinam entre si, ganhando sentido à medida que se inserem em uma rede de entrelaçamentos.

Cabe destacar que, sendo os pais respondentes voluntários, que atenderam ao convite formulado nas reuniões de pais, o material recolhido reflete a percepção do conjunto de pais que freqüentam estas reuniões e se sentem comprometidos com o processo de escolarização dos filhos a ponto de dispor de uma parcela de seu tempo para a pesquisa. Como toda a amostra de pesquisa, a realidade impõe um viés que, devidamente explicitado não nos impede de desenvolver considerações sobre o universo pesquisado. Se por um lado não alcancei todo o universo das famílias atendidas em cada uma das unidades, por outro explorei a possibilidade de ouvir aquelas famílias que provavelmente dispõem de uma vivência mais intensa na relação com as escolas. Compartilho assim com a perspectiva de Freud (1989: 17) quando afirma que:

> É sempre mais racional, em um trabalho científico, mergulhar naquilo que temos diante de nós, nos objetos que se oferecem por si mesmo à nossa pesquisa. Se o fizermos com seriedade, sem idéias preconcebidas, sem expectativas exageradas, pode acontecer que, graças aos elos que ligam tudo a tudo, o trabalho que começamos abra caminho ao estudo de grandes problemas.

No Quadro 6 apresento o conjunto dos entrevistados – responsáveis e gestores, em cada uma das unidades de ensino investigadas.

[16] Os retratos foram inspirados nos perfis utilizados nos trabalhos de Lahire, 2004.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

QUADRO 6 Entrevistados

Unidade	Responsável		Gestor			Total
	Mãe	Pai	Diretor	Coordenador	Orientador	
EM	9	-	2	2	-	13
CP	6	3	-	3	1	13
total	15	3	2	5	1	26

Fonte: *Survey* SOCED

Conforme apresentado, foram realizadas oito entrevistas com gestores e 18 com responsáveis – 15 mães e 3 pais, distribuídos entre as duas unidades de ensino. Na EM entrevistei a diretora e a diretora adjunta além de duas coordenadoras pedagógicas, uma vez que este cargo foi ocupado por pessoas diferentes ao longo do período em que se estendeu a pesquisa. No CP ouvi três coordenadoras: acadêmica, pedagógica, e comunitária, além da orientadora educacional, responsável pelos alunos de nono ano.

As entrevistas com os gestores tiveram a duração média de uma hora e todas foram realizadas nas unidades de ensino.

As 18 famílias ouvidas foram investigadas sob o ponto de vista daqueles que se auto-identificaram como responsáveis pelo acompanhamento do processo de escolarização dos adolescentes, a partir de suas representações sobre a própria família e sobre a instituição escolar onde os alunos estudam. A caracterização das famílias, incluindo condições socioeconômicas, grau de instrução e ocupação dos pais, entre outros fatores sociais que exercem influência no processo de escolarização da prole, foi construída com base nas informações fornecidas pelos entrevistados.

A duração das entrevistas com as mães ficou em torno de 45’ a 50’, tanto na escola pública quanto no colégio privado, enquanto para os pais este tempo se ampliou para cerca de 1h30’. O material produzido nas entrevistas resultou em um total aproximado de 25 horas de gravação.

Os primeiros responsáveis entrevistados foram: o pai que é presidente da Associação de Pais e Mestres – APM do colégio privado e a mãe representante do segmento Pais no Conselho Escola Comunidade – CEC da escola municipal. Ao

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

final do trabalho, o que me chamou a atenção foi que, entre os 18 entrevistados, estes dois foram os que mostraram menor disponibilidade e interesse pela pesquisa.

Os demais responsáveis entrevistados se inscreveram como voluntários após a apresentação da pesquisa nas primeiras reuniões de pais, realizadas em cada uma das duas unidades, com a presença de um número expressivo de responsáveis em ambas. Embora a proposta da pesquisa tenha tido boa acolhida nas duas unidades de ensino, sem dúvida o agendamento das entrevistas na EM requereu um esforço muito maior, demandando o retorno em duas outras reuniões de pais, para alcançar o número de respondentes almejado. Além da menor adesão e das dificuldades de contato telefônico - números errados e chamadas que nunca eram atendidas, na marcação das entrevistas com os pais da escola municipal enfrentei várias desistências e ausências não justificadas. No CP apenas uma mãe desistiu da entrevista quando solicitada autorização para gravação, alegando receio de que *"vá para a internet"*.

Foi franqueada aos entrevistados a escolha do local de realização da entrevista. O Quadro 7 me leva a crer que, possivelmente, as famílias populares, usuárias da escola municipal se sentiram menos à vontade para expor suas residências e locais de trabalho.

QUADRO 7 Local de Realização das Entrevistas

Unidade	Residência da família	Trabalho do responsável	Escola do aluno
EM	1	-	8
CP	4	2	3

Na EM, a única entrevista realizada na casa do aluno ocorreu em moradia funcional de porteiro. Neste caso, a mãe que aceitou prontamente o nosso convite e nos recebeu em sua casa, revelou no final que "*pensava que a filha ia ganhar uma bolsa de estudos na PUC*". Em outro caso a mãe sugeriu inicialmente o seu local de trabalho, mas como se tratava de uma barraca de camelô na rua acabamos concluindo que seria difícil desenvolver a conversa e a opção recaiu na escola.

A acolhida dos entrevistados foi bastante positiva, marcada por interesse, disposição e colaboração. Percebi de modo geral, uma atitude de reflexão,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

ponderação e cuidado nas respostas fornecidas. No CP, conforme esperado, encontrei maior familiaridade dos respondentes com a situação de entrevista, facilitando a aproximação inicial, entretanto na EM vários entrevistados explicitaram a vivência positiva que experimentaram na situação de entrevista. Duas entrevistadas da EM estavam acompanhadas dos filhos menores durante a entrevista, uma vez que não tinham com quem deixá-los, o que gerou algumas interrupções na conversa que entretanto, não chegaram a comprometer a qualidade da entrevista.

No conjunto de artigos publicados sobre a relação família-escola que identifiquei, observei da mesma forma que Romanelli[17], a predominância das análises a partir da perspectiva das famílias. No presente trabalho, busco uma perspectiva de mão dupla, ouvindo, além das famílias dos alunos, os gestores escolares. Com base na fala dos gestores e na observação do cotidiano escolar em duas instituições de ensino, procurei estudar a maneira como estas, a partir das representações sobre si e sobre os alunos, estruturam e desenvolvem suas estratégias de ação em prol do êxito escolar. Destaquei aspectos sobre a formação e trajetória profissional dos gestores, instalações físicas e condições de trabalho, valores, cultura organizacional e projeto educacional. Abordei ainda as expectativas em relação aos alunos e as relações que se estabelecem com as famílias e a comunidade residente no entorno da escola.

É importante destacar que meu campo de investigação se direcionou às escolas onde os alunos vem alcançando bons resultados nas avaliações de larga escala. Estudando "boas" escolas públicas e privadas procurei identificar semelhanças e singularidades entre os dois subsistemas de ensino – público e privado, na perspectiva relacional proposta por Bourdieu.

A análise do material obtido nas entrevistas foi realizada pelo método de análise de conteúdo onde, mediante escutas sucessivas e releituras procurei relacionar os dados levantados, construindo sentidos e definindo categorias.

A terceira etapa da minha investigação foi a observação das reuniões de pais e outros eventos direcionados a eles - momentos onde a interação família-escola

[17] No III Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação, realizado em julho de 2011, no Rio de Janeiro, Geraldo Romanelli apresentou resultados de pesquisa realizada junto aos periódicos nacionais sobre o tema "Famílias e Escolas", identificando 147 publicações onde a primazia cabia à visão das famílias. Segundo ele, poucos artigos se detinham na perspectiva das escolas sobre o tema.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

acontece de forma mais visível. Utilizei um roteiro de observação[18] previamente elaborado para o registro de aspectos objetivos - tais como local, horário, convite, programação e público presente, e subjetivos como clima em que se deu o encontro, interesses manifestos, tensões e expectativas explicitadas, enquanto indicadores da parceria em torno do trabalho educacional. No acompanhamento das reuniões contei com o auxílio de outros observadores, devidamente preparados para o exercício desta tarefa[19]. Todos os registros foram feitos por escrito. No Quadro 8 apresento as reuniões e eventos direcionados aos pais dos alunos, realizados na EM e no CP ao longo do ano de 2011, que pude observar.

QUADRO 8 Reuniões e Eventos para os Pais

Unidade	Reunião Abertura do ano	Reunião Pais	Encontro Pais - Professores	Palestra / Festividade	Eleição	Formatura
EM	2	4	1	-	1	1
CP	2	1	2	2	1	1
total	4	5	3	2	2	2

Na análise das interações, articulando as perspectivas das famílias e das escolas em um espaço multivocal, procurei indícios da contribuição que tais interações possam oferecer à construção da qualidade da escolarização.

Avancei na análise das interações que se estabelecem nas reuniões e eventos escolares, focalizando as formas de comunicação e as ações desenvolvidas, observando nos diálogos, tanto os aspectos manifestos quanto indicadores das "intencionalidades", que mobilizam famílias e gestores, refletindo sobre a "capacidade de agir em conjunto, construindo uma vontade comum" (Arendt, 2000).

2.4 Referencial teórico e conceitos centrais

Diante da complexidade do tema, que se situa em um espaço de confluência de saberes, optei por uma perspectiva multidisciplinar de análise, agregando à

[18] Em Anexo 4c Roteiro de Observação de Reunião.
[19] Alguns membros do SOCED participaram como observadores nas reuniões e eventos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

sociologia da educação - principal referencial teórico adotado, contribuições da psicologia social e da antropologia.

Utilizei os trabalhos desenvolvidos por Pierre Bourdieu, no campo da educação como arcabouço teórico para a investigação sobre meu objeto de estudo, contando com os conceitos de *habitus*, campo e capital como "ferramentas de construção dos fenômenos empíricos que constituem o foco da investigação" (Brandão, 2010: 229).

A noção de *habitus*, enquanto disposições duráveis que funcionam como princípios estruturadores e geradores de ações, me auxiliou na observação das práticas familiares e escolares. Bourdieu alerta sobre as razões práticas às quais recorremos frequentemente em nossas ações para que não tenhamos que a cada momento utilizar o pensamento racional para fazer escolhas. Objetivando as estruturas incorporadas, as ações cotidianas se desenvolvem na vida social sem exigir um maior esforço. Cabe destacar que as disposições enquanto tendências a perceber, sentir, fazer e pensar de certa maneira são incorporadas por cada indivíduo ao longo de sua trajetória tornando-se fortemente enraizadas, embora passíveis de modificações no decorrer das experiências que se sucedem.

A idéia de campo, enquanto esfera da vida social com funcionamento relativamente autônomo onde os agentes desenvolvem constantemente lutas concorrenciais para manter ou melhorar suas posições, também foi importante para a compreensão das dinâmicas que se desenvolvem no ambiente da escola. A noção de que "no interior de cada campo, a hierarquia estabelecida é continuamente contestada e os princípios que sustentam a estrutura do campo podem ser desafiados e colocados em questão", ressaltada por Brandão (2010: 232) favorece a leitura das relações que se desenvolvem entre os agentes educacionais, sejam eles professores, gestores, pais ou mesmo os próprios alunos.

Foi entretanto, o conceito de capital que se mostrou especialmente útil na reflexão que desenvolvi sobre o material empírico coletado. Capital, enquanto recursos específicos que cada agente pode acumular e investir para se movimentar em um determinado campo, pode assumir diferentes tipos, que se combinam em configurações. Volume e estrutura de capital econômico, cultural, social e simbólico podem se modificar com investimentos que permitem extrair lucro e ampliar o capital inicial. Se as camadas populares contam sem dúvida com um menor volume de recursos financeiros para investir na educação da prole, vale

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

investigar de que forma podem adquirir e combinar os demais tipos de capital para minimizar os limites impostos pelo baixo capital econômico. Pesquisas têm apontado a relevância do capital cultural dos pais para o êxito escolar dos filhos. Bourdieu observa que o capital cultural abrange o conjunto de habilidades e disposições intelectuais que pode ser adquiridas tanto no sistema escolar quanto no ambiente familiar e social, assumindo diferentes formas. Por capital cultural institucionalizado entende-se aquele que é sancionado pelas instituições reconhecidas como legítimas para fornecer certificados e diplomas, enquanto que o capital cultural internalizado refere-se aos conhecimentos, habilidades linguísticas, postura corporal, comportamentos e preferências aceitas pela cultura dominante, incorporadas pelo indivíduo. Na forma de capital cultural objetivado aparece a posse de bens culturais socialmente valorizados, tais como livros e obras de arte.

Bourdieu estabelece correlações entre o sucesso escolar das crianças e o *ethos* familiar, inspirando inúmeros outros estudiosos que desde a década de 1960 vem se dedicando a analisar a influência da origem familiar na escolarização dos filhos.

Bourdieu aponta diferentes estratégias de investimento escolar adotadas pelas famílias das classes populares, médias e elites em função do volume e da estrutura de capital econômico, social e cultural de que dispõem. Segundo o autor, as classes populares, detentoras de menor capital tenderiam a desenvolver uma relação resignada com o sistema de ensino, marcada pela escolha do necessário e pela possibilidade de retorno rápido, privilegiando carreiras com mais rápida inserção profissional. As classes médias, marcadas pelo *ethos* da ascensão social investiriam pesada e sistematicamente na escolarização dos filhos, desenvolvendo uma atitude de adesão, docilidade e boa vontade cultural em relação à escola, no esforço para aquisição da cultura reconhecida como legítima. Para as elites, o princípio da distinção e do cultivo de um estilo de vida próprio determinaria uma relação com a escolarização de forma mais diletante e descontraída, uma vez que para estas o êxito escolar é visto como natural, funcionando como forma de legitimar o acesso a posições já garantidas. Vale ressaltar ainda que, um mesmo diploma pode obter diferentes rendimentos em certos segmentos do mercado de trabalho, em função da origem social daquele que o detém. Filhos de profissionais bem sucedidos, que recebem escritórios ou consultórios montados, bem como

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

clientes e contatos profissionais diferenciados, além de sobrenomes reconhecidos e socialmente valorizados, contam com vantagens adicionais.

Independentemente da camada social de origem, por meio de um processo de ajustamentos, as famílias tenderiam a atualizar sua dinâmica de investimentos de acordo com as chances de sucesso observadas no decorrer da trajetória escolar dos alunos. Projetos mais ambiciosos em termos de investimento de tempo, energia e recursos ficariam condicionados as possibilidades de êxito percebidas no desempenho escolar dos filhos.

Cada aluno chega à escola trazendo uma bagagem que inclui componentes objetivos e subjetivos provenientes dos investimentos familiares nos diferentes tipos de capital, bem como do meio social onde está inserido.

No campo da educação escolar tem sido observada a importância do capital informacional na construção de trajetórias escolares de sucesso. Este capital, que se traduz em conhecimentos sobre os modos de funcionamento do sistema de ensino e das hierarquias que classificam os estabelecimentos por qualidade acadêmica, prestígio social e possibilidades de retorno financeiro no mercado de trabalho, é proveniente tanto das famílias quanto da rede de contatos com amigos e conhecidos, familiarizados com o ambiente acadêmico.

A ampliação do acesso aos diplomas escolares, a públicos anteriormente excluídos traz um efeito perverso que se caracteriza pela correlativa perda de valor do diploma. Massificados, os títulos escolares se desvalorizam e antigos detentores deste privilégio tendem a deslocar-se em direção a níveis de escolarização mais altos, a estabelecimentos mais prestigiosos ou a segmentos diferenciados, buscando a manutenção da distância que os separa da população em geral.

Bourdieu destaca também a maneira como a escola cobra dos alunos não apenas o domínio de um conjunto de conhecimentos, mas uma forma de lidar com o saber. Distinguindo o aluno esforçado - que se dedica aos estudos, do aluno brilhante - capaz de realizar com desenvoltura e destreza as tarefas escolares, mantendo com elas uma relação de familiaridade que dificilmente será alcançada por aqueles que não detêm o capital cultual apropriado, a escola estabelece uma avaliação diferenciada dos alunos. É possível vislumbrar assim que, por mais que se democratize o acesso ao ensino, continuará existindo uma correlação entre as desigualdades sociais e os resultados escolares.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

Na pesquisa que realizei junto às boas escolas públicas e privadas, procurei refletir sobre até que ponto as desigualdades sociais podem ser enfrentadas à partir da interação das estratégias educacionais adotadas pelas famílias, com aquelas desenvolvidas pelas escolas.

Observando os espaços de reuniões e eventos escolares propostos pela escola, onde acontecem de forma mais visível as interações com as famílias, procurei identificar os processos que ocorrem quando as duas instâncias agem reciprocamente, a partir de uma determinada pauta de interação, que se estabelece em um determinado contexto social.

Para análise das reuniões e eventos direcionados aos pais, busquei algumas referências no campo da etnometodologia que se propõe ao estudo das interações, "recolocando em foco aquilo que desaparece na visão macro[20]". Focalizando o "senso" enquanto forma apropriada de agir em cada situação, a sequência em que ocorrem os diálogos e o sistema de rodízio das falas, a etnometodologia me ofereceu contribuições para análise dos diálogos que presenciei nas reuniões que observei nas escolas.

Revisitei ainda três conceitos que entendo como fundamentais para interpretar a realidade ao longo da reflexão que desenvolvo no presente trabalho. São eles: Família, Qualidade da Educação e Participação.

Consultando o dicionário[21] encontrei 13 diferentes significados para a palavra Família, entre os quais destaco os quatro que mais se relacionam ao propósito do presente trabalho: 1. pessoas aparentadas, que vivem na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos; 2. pessoas do mesmo sangue; 3. ascendência, linhagem, estirpe; 4. comunidade constituída por um homem e uma mulher, unidos pelo laço matrimonial, e pelos filhos nascidos dessa união. A simples leitura destas explicações indica a necessidade de uma conceituação mais abrangente, que possa atender às diferentes configurações presentes na sociedade contemporânea.

Buscando referências nos estudos da antropologia encontrei nos anos 1970, as pesquisas realizadas por Gough (1973)[22] que definia família como "um par

[20] Meu primeiro contato com este campo de estudo foi na palestra intitulada Etnometodologia, Comunicação e Legado de Garfinkel, apresentada em 20/09/2011 por Rid Watson, sociólogo da Universidade de Manchester, na PUC-Rio.
[21] Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.
[22] Antropóloga inglesa (1925-1990) que se dedicou ao estudo das origens da família.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

casado ou outro grupo de parentes adultos que cooperam na vida econômica e na criação dos filhos, a maior parte dos quais, ou todos, residindo em comum". Utilizando como parâmetros os laços de consanguinidade e a residência conjunta, a definição adotada pela autora parece ser ainda insuficiente para enfrentar a diversidade de possibilidades.

Na letra da lei, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) em seu Artigo 25 afirma: "Entende-se por família natural a comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus descendentes", tomando como referência somente as relações de sangue, deixando um entendimento bastante genérico do que pode ser entendido como família.

No exercício da prática profissional daqueles que desenvolvem há mais de 15 anos um trabalho social cotidiano com famílias, encontrei também a dificuldade de definir esta categoria. Moreira (2006) relata o desafio enfrentado para construir um banco de dados sobre as famílias - unidade-base para o trabalho educativo desenvolvido junto a comunidades rurais de uma cidade no estado do Rio de Janeiro. A autora relata que, frente à multiplicidade de possibilidades que se apresentou, o grupo encarregado do trabalho precisou dedicar-se a uma construção conjunta do conceito de família, combinando a reflexão da equipe profissional envolvida no trabalho com a escuta dos próprios familiares atendidos e as referências bibliográficas sobre o assunto. Família ficou assim definida como: "Conjunto de pessoas que coabitam e partilham o acesso e usufruto de determinados recursos, mantendo entre si laços sanguíneos, afetivos ou legais", incorporando a cooperação econômica e as relações sentimentais como novos parâmetros que ampliam a definição.

A família se define assim pelos significantes que criam os elos de sentido nas relações que podem ser recíprocas – entre cônjuges, complementares – entre irmãos ou assimétricas – entre pais e filhos, superando os vínculos biológicos.

Vale lembrar que, enquanto instituição, a família pode ainda ser definida pelas funções sociais que se espera que ela cumpra, incluindo a socialização e a proteção das crianças, o apoio emocional aos adultos e a regulação do comportamento social.

No presente trabalho, tomei como referência a perspectiva de análise adotada por François de Singly, autor que vem capitaneando na França uma das mais prestigiosas tendências da sociologia da família contemporânea, a partir da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

revisão das contribuições de Durkheim. O sociólogo define família como “Grupo de pertencimento flexível que assume diferentes formas e funções para atender as necessidades de segurança de seus membros, equilibrando-as com as necessidades de liberdade e autonomia de cada um, respondendo às demandas dos novos tempos”, enfatizando o aspecto relacional. A família é vista pelo autor “menos como instituição e mais como espaço de socialização e de relações afetivas” (Singly, 2007:18), onde o peso do fator afetivo assume cada vez mais importância nas relações intrafamiliares.

A meu ver, mais importante do que identificar as diferentes estruturas familiares, cabe buscar compreender o modo de funcionamento de cada grupo que se identifica como família.

A utilização da palavra famílias no plural, é uma opção que adoto no presente trabalho como forma de enfatizar as diferenças que marcam as famílias contemporâneas. A auto-indicação dos respondentes sobre seu pertencimento familiar é outra opção que assumi, priorizando a representação dos pais em detrimento do legalmente estabelecido.

A definição de qualidade de ensino é outro desafio que enfrentei. Expressão polissêmica com diferentes formas de abordagem, aquilo que pode ser entendido como qualidade continua suscitando debates tanto no campo científico entre os profissionais da educação, quanto no senso comum, na forma como é percebida pelas famílias dos alunos.

No momento em que se universaliza o acesso à escola, a qualidade do ensino oferecido é reivindicada como direito de apropriação do conhecimento e aproximação dos bens culturais valorizados socialmente. Como afirma Kuenzer (2007):

> O conhecimento é aparentemente disponibilizado para todos com o acesso universalizado ao ensino fundamental, porém o fornecimento desigual, reduzido por vezes à certificação não assegura a aquisição das competências para a autonomia intelectual.

No presente trabalho, entendo que a qualidade da escola está associada precipuamente ao direito de aprender, uma vez que a democratização do acesso se torna inócua se a possibilidade de aprender continua direcionada apenas aos grupos mais privilegiados. A imagem de algumas escolas municipais associada à

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

qualidade de ensino traz certa “estranheza” uma vez que, nas últimas décadas o discurso hegemônico tem se concentrando nas dificuldades enfrentadas pelo ensino público e na baixa qualidade de ensino oferecido. Investigando escolas municipais e colégios privados, onde os alunos alcançam bons resultados nas avaliações nacionais, procurei problematizar a associação direta entre ensino público e falta de qualidade.

A amostra de escolas investigadas pelo *survey* SOCED, que analisei, tomou como ponto de partida as informações disponibilizadas sobre as avaliações de larga escala – Prova Brasil e ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, como evidência da qualidade escolar.

O avanço dos recursos estatísticos, associado às novas tecnologias de informática, facilitou a implantação das avaliações em larga escala no Brasil e, a opção pela divulgação dos resultados alcançados pelos alunos, agrupados por unidade escolar, vem trazendo novos parâmetros para a escolha de escola e novos desafios e possibilidades para as pesquisas relacionadas à qualidade de ensino. Sabe-se que a publicação dos resultados na forma de ranqueamento das escolas vem acarretando uma “corrida” dos pais, que cada vez mais cedo procuram direcionar os filhos para aquelas que ocupam as primeiras posições, muitas vezes sem o conhecimento das peculiaridades e demais características e condições de cada escola.

No presente trabalho, procuro refletir sobre a questão da qualidade da educação, abrangendo três aspectos: a aprendizagem enquanto direito de todos os alunos, a forma como os alunos vivenciam o processo de aprendizagem permitindo a construção do “prazer de aprender” e o desenvolvimento das competências para continuar a aprender, em uma sociedade que passa por transformações cada vez mais rápidas e profundas.

Entendo que o papel contemporâneo da escola vai além da transmissão do patrimônio cultural. O ensino ministrado pela escola enfrenta o desafio de desenvolver o espírito crítico, estimulando no aluno as disposições para buscar, organizar e articular informações, construindo sentido no processo permanente de aprendizado.

A escola recebe hoje um novo público, não são apenas mais alunos, são “outros” alunos que chegam à escola e lá assumem um papel de agentes ativos no próprio processo de aprendizagem. Os “bons alunos - dóceis e aplicados”

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

assumem novos comportamentos e trazem diferentes demandas, formando um conjunto cada vez mais heterogêneo. Inspirada pelas reflexões propostas por Dubet (2008) procurei analisar, especialmente nas duas unidades onde desenvolvi uma observação mais longa, como estas lidam com aqueles alunos que não alcançam êxito na aprendizagem segundo o processo tradicional de ensino, dentro de seus estabelecimentos.

Além de *lócus* de produção do conhecimento, a escola é também palco de interações entre alunos e entre estes e os demais agentes da comunidade educativa. Compartilho com Nogueira (2005: 573) a visão de que é uma tendência atual da escola, "chamar para si certa parcela de responsabilidade pelo bem-estar psicológico e pelo desenvolvimento emocional do educando". As relações sociais se refletem no desempenho dos alunos indicando que a busca pela qualidade precisa passar também pelo empenho na promoção de boas relações sociais.

Do ponto de vista das famílias, o reconhecimento da qualidade da escola tem estado atrelado a diferentes expectativas sobre o papel da escola, variando não só em função dos estratos sociais como em decorrência da forma como percebem as oportunidades que a sociedade pode oferecer aos filhos. Tais aspectos que serão retomados na discussão do material recolhido nas entrevistas com os pais.

Quanto ao conceito de Participação, minha primeira consulta ao dicionário apontou quatro referências: 1. Informar, comunicar; 2. Tomar parte em; 3. Ter traços em comum e 4. Associar-se pelo pensamento ou pelo sentimento. Foi esta última que tomei para o presente trabalho.

A ênfase na importância da participação ganhou força no Brasil com o processo de redemocratização, que se desenvolveu a partir dos anos 1980. Analisando os resultados das eleições de 1982, Cury (1985: 45) afirmava que "se houve uma palavra vencedora, essa foi participação". Reconhecida como um dos pilares da cidadania, a participação ganhou destaque em todas as esferas sociais e chegou também à escola. O reconhecimento da comunidade escolar como um sistema de pessoas e grupos heterogêneos com interesses, vontades e valores diferentes, que precisam ser considerados, levou à criação de novos espaços nas escolas direcionados às famílias dos alunos. Conselhos, associações, colegiados e representações de pais, escolhidos por eleição direta, proliferaram no ambiente escolar público e privado, o que inegavelmente deve ser considerado como um avanço, porém pesquisas têm mostrado que a apropriação de tais espaços tem sido

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA

tensa e limitada. Mesmo reconhecendo o valor da participação e a disposição para colocar em prática ações conjuntas, professores e gestores escolares enfrentam resistências e conflitos no processo de, abrindo mão de uma parcela de poder, escutar e considerar o desejo da comunidade, a partir do reconhecimento da competência dos pais como agentes educadores. Ainda que definidos por força de lei, mecanismos criados nas escolas públicas enfrentam dificuldades para sair do papel e chegar à realidade das escolas.

No presente trabalho, assumo como ponto de partida a definição de participação como "a possibilidade e a capacidade de interagir e, assim influir nos problemas e soluções considerados numa coletividade, bem como nos meios de decidir a respeito das decisões tomadas". (Silva, 2001: 55)

Tenho observado que a participação das famílias na escola, em função dos desejos, motivações internas, conhecimentos e habilidades dos sujeitos envolvidos, pode assumir diferentes formas, que variam desde a simples presença física as reuniões até a execução de tarefas práticas ou a disposição para desempenhar funções no gerenciamento da escola, que merecem ser mais estudadas.

Como assinala Sposito (1990: 52) "embora a necessidade dessa participação tenha se transformado em uma corrente, quase lugar comum, é preciso aprofundar a reflexão, pois a questão envolve maior grau de complexidade do que, em princípio aparenta".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0913510/CA